

## REMINISCÊNCIAS DE UMA BRINCADEIRA: AS CANTIGAS DE RODA COMO CANTOS DE TRABALHO E DE LAZER

Edil Silva Costa<sup>1</sup>  
Eliane Bispo de Almeida Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta reflexões de uma pesquisa que pretende analisar as reminiscências da arte de cantar versos por um grupo de pessoas da comunidade rural de Monte Alegre, Rio Real, Bahia. Embora não tenham visibilidade e parecerem ter desaparecido da prática cotidiana, as cantigas permanecem na memória. Interessa pesquisar os sentidos dessa atividade para a comunidade no passado e as transformações de sentido para esse mesmo grupo social na contemporaneidade. Buscamos, com isso, investigar o porquê da permanência dessas cantigas na memória dos moradores mais velhos dessa comunidade. Assim, pretendemos analisar as formas de produção desses textos de cultura (cantigas e narrativas) para compreender suas atualizações e sentidos. Consideradas pelos moradores do povoado como uma brincadeira, as cantigas de roda marcam uma época e situação social daquela localidade, pois, segundo os relatos, era uma prática constante nas festas juninas.

**Palavras-chave:** Permanência. Reminiscência. Cantigas. Brincadeira.

**ABSTRACT:** This article presents reflections of a research that aims to analyze the reminiscences of the art of singing verses by a group of people from the rural community of Monte Alegre, Rio Real, Bahia. Although they have visibility and appear to have disappeared from daily practice, the songs remain in the memory. Interesting research directions of this activity for the community in the past and the transformation of sense to the same social group nowadays. We seek, therefore, investigate the reason for the permanence of these songs in memory of the oldest inhabitants of this community. Thus, we intend to examine ways of producing these cultural texts (songs and narratives ) to understand your updates and directions. Considered by villagers as a joke, the nursery rhymes mark an era and social situation of that locality because, according to reports, was a constant practice in June festivals.

**Keywords:** Permanence. Reminiscences. Songs. Play.

### 1 Brincadeiras de roda em Monte Alegre

O povoado Monte Alegre está situado na zona rural da cidade de Rio Real, interior da Bahia, a 200 km da capital Salvador. De acordo com os relatos<sup>3</sup> de pessoas idosas do lugar, as cantigas de roda, tanto para o trabalho como para o lazer, faziam parte do cotidiano de suas juventudes e hoje

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB). E-mail: escosta@uneb.br

<sup>2</sup> Mestranda em Crítica Cultural – UNEB/Campus II. Especialista em Docência do Ensino Superior pela FACCEBA. Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB/ Campus II.E-mail: elianebasouza@hotmail.com

trazem recordações dessa época. Havendo poucas opções de divertimento, os jovens se divertiam dançando roda, animados por cantigas tradicionais. Nas horas de obrigação, as cantigas ditavam o ritmo das atividades e contribuía para agregar um grupo e potencializar sua força no trabalho coletivo. Nas horas de lazer, a brincadeira assumia o formato das danças circulares como as cirandas. As canções eram entoadas coletivamente e as pessoas giravam ao ritmo de cantigas, a exemplo da conhecida “Ciranda, cirandinha”.

Nas cantigas de roda de estrutura aberta, a regra é todos cantarem o refrão enquanto giram e um brincante deve entrar na roda e dizer versos. Depois todos repetem o refrão novamente. E, assim, de forma cíclica, a brincadeira começava e tinha continuidade com final incerto, a depender da disposição dos brincantes que podiam finalizá-la ou iniciar outra canção, substituindo o refrão que atraía novos versos, de improviso ou não. Assim como a roda, as cantigas são também circulares, ou antes, espiralares, pois nem sempre “o final” finda a cantiga, mas pode iniciar outra.

Esses trabalhadores, ao passo que executavam suas tarefas agrícolas, também se divertiam com aquela cantoria. Ao final do trabalho, segundo depoimento dos entrevistados<sup>4</sup>, eles combinavam um encontro à noite, na casa de um deles, para dar continuidade à roda de versos. Tratava-se de um momento oportuno para que os jovens se enamorassem, os quais criavam estratégias para que os pais não percebessem, uma vez que não aceitavam a aproximação dos filhos sem os seus consentimentos.

Ao saírem de uma casa para outra, nas noites escuras, os moradores levavam fochos de fogo para clarear e mostrar o caminho a ser percorrido. Quando chegavam às casas em que aconteceria a brincadeira de cantar versos, eram recepcionados com uma fogueira para acolher e aquecer os convidados, além de comidas típicas do Nordeste. Nas noites de lua, uma verdadeira manifestação do poder da natureza enriquecia as canções, as quais fluía com muita harmonia.

Com o processo de mecanização de certas tarefas agrícolas e com as transformações culturais, a arte de cantar versos não tem o mesmo sentido para a geração atual. Ela existe apenas na memória dos moradores mais velhos da comunidade, cujo legado revela a simplicidade, o encantamento e a harmonia que conseguiam fazer com que as pessoas se integrassem mais.

Para esta pesquisa, utilizamos a história oral como metodologia. Por meio de entrevistas e depoimentos, os colaboradores passaram informações e lembraram cantigas que estavam

---

<sup>4</sup> Esses depoimentos foram coletados para uma pesquisa de mestrado que está em andamento, intitulada *Permanência da cultura de cantar versos na memória de um grupo de trabalhadores do povoado Monte Alegre em Rio Real/BA na contemporaneidade*, sob orientação da Professora Doutora Edil Silva Costa.

guardadas na memória. Ao passo que entrevistávamos os moradores da referida comunidade, mais aumentava o nosso interesse em compreender essa manifestação cultural, considerada por eles como uma brincadeira. Colaboradores como M. C. S., lavradora aposentada, 74 anos; J. S., lavrador aposentado, 73 anos; J. S., lavradora aposentada, 75 anos e M. J. C., lavradora aposentada, 77 anos, contribuíram cantando e relatando como aconteciam essas rodas de versos. Assim, por meio das informações coletadas, a arte de cantar versos foi sendo rememorada e reconstruída.

Buscando compreender as reminiscências dessas cantigas como cantos de trabalho e como cantos de lazer, este artigo aborda a cantiga de roda como uma manifestação cultural. Os cantos e a performance das cantigas acionam a memória de outros tempos para os idosos e revelam os modos de vida de um grupo social. Para as crianças de hoje certamente essas cantigas têm outro sentido e função. Assim, parece-nos pertinente perguntar: que sentido têm as cantigas de roda para as crianças e os adultos de hoje? Que lugar ocupam em uma comunidade do interior da Bahia onde as crianças, como em qualquer lugar do mundo (ou quase), têm acesso a outros tipos de brinquedos e as formas de interação social mediatizadas são cada vez mais intensas? Ao focar nessas questões, discute-se sobre a tradição e a memória dessa brincadeira no povoado Monte Alegre em Rio Real, Bahia.

## **2 A cantiga de roda como brincadeira de crianças e adultos**

Como foi dito, as cantigas de roda podem ser cantos de trabalho, mas são também brincadeiras. Embora não sejam expressões exclusivas de jovens e crianças, pois os adultos também cantam e dançam roda, pode-se perceber que essas brincadeiras marcam a infância das pessoas.

Para crianças em idade escolar, brincar de roda é uma maneira de se relacionar com os amigos, os vizinhos ou com os colegas na escola. Desse modo, significa muito mais que uma brincadeira. Trata-se de uma combinação de ações prazerosas que envolvem o corpo, a voz, a imaginação, a convivência em grupo, a criatividade, a memória, a tradição, o ritmo e a sintonia. Nessa brincadeira, elementos culturais podem ser expressos.

Para a concretização dessa brincadeira, são necessárias poucas exigências. Ela se realiza em um espaço grande, normalmente um terreiro, para que as crianças se movimentem ao rodar, sem nenhum obstáculo. A roda é um espaço democrático em que as pessoas são vistas sem

hierarquia de posição. A roda simula um abraço coletivo. Há uma valorização e respeito entre eles. Para Iris Costa Novaes (1994, p.7), “a cantiga de roda é uma modalidade de jogo muito simples e, por incluir tradição, música e movimento, se constitui num poderoso agente socializador”. Para a autora, a cantiga de roda é muito mais que uma brincadeira, é uma oportunidade de socialização, de um encontro com pessoas queridas, ocorrendo trocas de conhecimento.

Ao brincar de roda, as crianças o fazem como motivo de alegria. Ao segurar a mão do outro, vê nele um amigo. Ninguém consegue brincar de roda forçado. Ela deve acontecer de forma espontânea, com alegria e entusiasmo. É preciso ter vontade de compartilhar com os outros, de mãos dadas, conhecimento e tradição. “No brincar e nas brincadeiras, a criança participa da construção do mundo” (DEBORTOLI, 2006, p. 81). Assim, a brincadeira de roda possibilita muito mais que diversão, é também uma atividade cultural, em que saberes são construídos e socializados.

Procurando apresentar características que definam melhor a brincadeira das cantigas de roda, Novaes (1994) ressalta que essa é uma atividade indicada, principalmente, para crianças de quatro a sete anos. Ao usar o termo *principalmente*, a autora deixa entender que a cantiga de roda é de interesse também de adolescentes, adultos e idosos, pois não se trata de uma brincadeira exclusiva das crianças.

Na comunidade pesquisada, essa brincadeira não acontecia apenas na infância, ela se estendia também na adolescência e na juventude. Era comum os jovens cantarem durante a jornada de trabalho junto com seus pais e irmãos na agricultura familiar ou com os amigos durante o cooperativismo, também chamado por eles de mutirões. Essa cantoria também acontecia nos encontros de comadres e compadres à noite, como forma de confraternização. Neste momento, a ludicidade se fazia presente ao se divertirem com a brincadeira de roda.

Nos relatos dos idosos, percebe-se a afetividade de memórias de infância que são revividas quando narradas. Ao rememorar esses momentos passados, tem-se a impressão de tempos saudosos porque felizes, ainda que fossem tempos difíceis. O passado assume ares quase míticos porque é inalterável, é um tempo que se congela, inatingível, apenas palpável pelo esforço da relembração. Nesse exercício, o passado pode ser reconstruído com a seleção de elementos, escolhidos de modo a não deixar mácula na memória que se quer conservar. Desse modo, as cantigas de roda são associadas a momentos de reunião e lazer coletivo, fazendo parte da experiência de vida dos sujeitos.

Por não possuírem esse acúmulo de experiências e um passado para remontar, a percepção que os jovens ou crianças têm da brincadeira de roda não pode ser a mesma que a dos idosos. Para elas, são vivências de momentos específicos, oportunidades de brincar e interagir socialmente. Porém, são nesses momentos que o sujeito projetará, no futuro, sua história de vida. Ali a criança ou o jovem vai se construindo e, sem ainda saber, traçando a ponte entre o sujeito que é e o que será um dia. Na infância e na juventude, o sujeito vivencia o que na idade madura transforma em narrativa, vivenciando outras vezes cada vez que narrar.

As pessoas mais velhas que participavam dessa roda de versos têm muita história para contar. Elas vivenciaram essa experiência, por isso têm autoridade para transmitir o que acontecia naquele tempo. Para Benjamin (1994, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes”. Essa experiência confere à narrativa uma versão única para a história narrada. Por meio das reminiscências, o narrador tem oportunidade de reviver e reconstruir a história que insiste em ficar registrada em sua memória.

Ao narrar suas experiências, os moradores da comunidade em estudo ressignificam a arte de cantar versos, deixando transparecer marcas de subjetividade. Para os colaboradores entrevistados, cantar versos era uma brincadeira em que todos os jovens se divertiam. Os que sabiam fazer versos entravam na roda e os que não sabiam cantavam o refrão junto com os demais. As reminiscências dessa época remontam para um tempo de alegria e diversão ao (re)produzir os versos cantados por eles. Conforme as narrativas e exemplos de cantigas que serão apresentadas no tópico seguinte, trata-se de uma manifestação de um saber que era propagado oralmente e ressignificado a cada performance.

### **3 A comunidade Monte Alegre e a arte de cantar versos**

Os moradores mais velhos da comunidade, em especial as mulheres, relembram os versos cantados e ouvidos na juventude que ficaram guardadas na memória. Mas o que seria então a memória? Olga Simson (2000 p. 12) a define como “a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, texto, etc.)”. Neste pensar, Pelen (2001) considera a literatura oral como a expressão das exigências e saberes da memória da comunidade. Isso se justifica pelo

fato da literatura oral constituir “um verdadeiro corpus referencial do que foi e do que deve ser, e é essa sua definição essencial” (PELEN, 2001, p. 56). Na medida em que expressa um saber concretizado, a literatura oral recria e atualiza novos saberes.

No contato com pessoas da comunidade de Monte Alegre, durante as entrevistas e ao falar sobre as cantigas, a memória dos narradores ia sendo reavivada e a arte de brincar de roda por um grupo de amigos era lembrada. Segundo Áurea Pereira (2013, p. 21-22), “a memória pessoal fica claramente atrelada à memória da coletividade”. Ao relatarem suas memórias, a atividade de cantar versos pelas pessoas da comunidade era reconstruída.

Ao se lembrar do tempo em que se reuniam para trabalhar e cantar, Dona M.C.S. 75 anos, lavradora, atualmente aposentada, residente na comunidade Monte Alegre, nos relata:

Agora no tempo de São João era tempo de nego brincar de roda... fazer compadre... fazer padrinho na fogueira... acabou tudo isso. Não foi? Eu tenho tanta comadre, tanto padrinho e tanta... Era compadre mesmo, considerava como compadre. Aí a gente ia brincar roda. (M.C.S., 21/06/15)

Na narrativa de Dona M. C. S., são destacados dois tempos que se entrelaçam e confundem, o presente em que o acontecimento é narrado (“**agora** no tempo de São João”) e o que passou e foi deixado para trás (“acabou tudo isso”). Nota-se que é um presente-passado, pois a narradora fala do passado se referindo a **agora** e comparando-o com o presente para demarcar uma diferença: o **como era** e o **como é**. O “agora” também se refere a um tempo cíclico, às festas que se repetem periodicamente, mas que se alteram com o passar dos anos. Na canção que segue, podemos perceber que há marcas da religiosidade. O período dos festejos juninos era propício para o encontro dos compadres e comadres.

Pisei no lírio A galha baixou Quero que São João me diga Onde anda o meu amor	} REFRÃO
Cajueiro pequenino Tira a galha do caminho Eu vou passar de noite E tenho medo do espinho.	

O exemplo acima mostra como as pessoas da referida comunidade se divertiam com a brincadeira de roda. As pessoas que participaram dessa atividade lúdica relembram com saudade

um tempo de diversão, animado pelas cantigas. Por meio da voz, os intérpretes das cantigas externam seus conhecimentos, suas vivências, suas histórias. “Não há arte sem voz [...] A voz poética se inscreve na diversidade agradável dos ruídos por ela dominados na garganta e no ouvido humanos” (ZUMTHOR, 1993, p. 72-73).

Boa parte das cantigas são expressão do sentimento amoroso, às vezes tratados com ironia, noutras com humor. A quadra é o formato mais comum, com refrão. Os versos seguintes são exemplo de como a temática amorosa está presente nas quadras (mais do que nos refrões) e o tratamento que é dado ao tema:

Rodero novo,  
eu quero ver rodar  
Quero ver rosa morena  
Quero ver balancear. } REFRÃO

Faz três dias que eu não como  
Faz quatro que eu não almoço  
Com saudade de você  
Quero comer, mas não posso.

Essa noite eu não dormir  
Só pensando em você  
Se você está duvidando  
Eu vou sonhar pra você ver.

A expressão poética do sujeito apaixonado segue o paradigma do amor romântico, cujo sentimento o afeta fisicamente, fazendo-o ficar sem comer e sem dormir. Os versos são declarações de amor e, na brincadeira, poderiam se prestar a revelações públicas do sentimento amoroso devotado a alguém na roda. No entanto, ao finalizar a última quadra, o sujeito usa do humor para quebrar a seriedade do assunto, desafia a quem duvida do seu amor, oferecendo uma prova impossível de credibilidade (ver o sonho do outro). Essa solução final faz parte do jogo, deixando pairar a dúvida em relação à sinceridade do sentimento. Como se pode ver, o tema é adulto e a forma de tratamento também. No contexto das festas de São João, quando os jovens investiam nos jogos amorosos, as cantigas tematizavam suas intenções e serviam, de forma às vezes velada e outras vezes nem tanto, como instrumento comunicativo para veicular mensagens e revelar sentimentos. Os versos de respostas poderiam sinalizar se a investida seria bem sucedida ou não. A canção que segue é um exemplo de como a cantiga era uma forma de declaração dos sentimentos.

É de manhã, a chuva vem  
Entrei na roda  
Não chamei meu bem

REFRÃO

Morena me dá um beijo  
Da tua face mimosa  
Como deu o beija-flor  
No lindo botão de rosa.

Fui pra fonte beber água  
Bebi água de sabão  
Bebi o suor do teu rosto  
E o sangue do teu coração.

Quando eu olho pra aqueles ares  
Que eu não posso voar  
Corre água nos meus olhos  
E o coração do lugar.

Quem me dera, dera, dera  
Quem me dera foi embora  
Como não ia chorando  
Pro esse mundo a fora.

Quem me dera, dera, dera  
Quem me dera pra mim só  
Me deitar na sua cama  
e me cobrir com seu lençol.

Você diz que me quer bem  
Você não me quer bem não  
Quem quer bem tem outro jeito  
Você não tem jeito não.

Você diz que me quer bem  
Eu também estou lhe querendo  
Um bem se paga com o outro  
E eu nada fico lhe devendo.

Minha mãe ontem me disse  
Hoje tornou a dizer  
Que casa de muita janela  
Bota as mocinhas a perder.

As estrelas do céu correm  
Eu também quero correr  
As estrelas atrás da lua  
E eu atrás do bem querer,

As estrelas do céu correm  
Correm tudo em carreirinha  
Assim corre o meu segredo  
Da tua boca para a minha.



O Sr. J. S., 73 anos, lavrador, atualmente aposentado, residente na comunidade Monte Alegre e casado com dona M. C. S., citada anteriormente, também relembra o tempo de sua mocidade, que era animado pelas cantigas, principalmente no período dos festejos juninos. Ele relata com tom saudosista aquele tempo:

Pois, menina, todo mundo tinha fogueira... todo mundo fazia as fogueirona, toda rodeada de ... todo mundo. Quando chegava na cidade que ali era muito cheio de casa. Agora foi que acabou. Quando saía fora de uma casa e se olhava pra, pra, assim pra o mundo, só via fogueira, só via braço de fogueira. Parecendo moita de fogo, parecendo a cidade. Aí, vamos pra casa de fulano? Aí ia brincar roda. Lá bebia licor, licor pra quem bebia, licor de jenipapo. Cadê o licor, compadre? Ei, comadre! Luís só me chama de compadre. Ele é meu compadre de fogueira. (J. S., 21/06/15)

Como se vê na narrativa do Sr. J. S., a brincadeira de roda integrava os festejos juninos, como a fogueira e o licor de jenipapo. Esses narradores guardam na memória experiências de vida. E, ao relatarem, eles ressignificam um passado vivo na lembrança. As cantigas por eles lembradas são fruto de uma memória coletiva. Por meio da rememoração, a arte de cantar versos é retomada, contribuindo para que passado e presente convivam lado a lado na reconstrução dessa modalidade. “A literatura oral é a lei, a memória do que foi e deve ser.” (PELEN, 2001, p. 60). Assim, a memória é vista como um saber e não apenas como uma simples lembrança.

Ao discutir sobre a memória, Portelli (1997) enfatiza que ela é um processo ativo de criação de significados. Durante a reprodução dessas cantigas, era comum serem interrompidas pelo esquecimento. Num diálogo entre os entrevistados, um deles sugeriu que o Sr. José tentasse lembrar de uma cantiga. De forma espontânea, ele externou o seguinte: “Eu sei lá do diabo o que era mais que se cantava.” Como pode ser percebido pelo discurso desse Senhor, a memória é frágil. Mesmo tendo o interesse de retomar uma lembrança, nem todas as vezes isso é possível. Esse mesmo narrador, ao tentar lembrar, passa essa responsabilidade para a esposa e se surpreende com a nossa curiosidade.

Como era essa cantiga? (risos) Eu não lembro mais como era que se cantava essas cantiga veia. Era na roda que a gente cantava (risos). Nós num já cantemo aí uma vez? Como era, canta aí, Ducarmo (esposa) (risos)... tinha a de rodar, a de ficar indo lá e voltando cá... a de se abraçar... tinha de todo jeito de... da gente se alegrar, de bater o pé pra, pra, pra. Lá não tinha não? (J. S., 21/06/15)

Grande é a surpresa do narrador em saber que as cantigas que nós conhecíamos eram aquelas cantadas na escola. Cada povo manifesta seu saber de diferentes formas. Diante da nossa curiosidade em saber se as cantigas eram acompanhadas por instrumentos musicais, dona M. C. S. responde com indignação: “*Não. Era só cantiga, pegar nos braço e andar. Nunca viu brincar de roda não? Pronto*”. A declaração de dona M. C. S. é a de senhora do conhecimento, de quem domina um saber e se empodera com ele.

#### 4 As cantigas de roda como manifestação de uma cultura

As cantigas de roda estão presentes na memória das pessoas que tiveram a experiência de dançar roda e cantar versos. Em forma de poesia, suas letras e melodias são lembradas por aqueles que tiveram uma parte de suas vidas marcadas por essa brincadeira. Essas canções fazem parte da cultura popular, que tem o papel de transmitir, por meio da informalidade, os conhecimentos do povo. A pesquisadora Cáscia Frade (1997) apresenta a seguinte definição para o termo cultura popular:

Finalmente, a cultura popular, configurada sobretudo pela forma de transmissão absolutamente empírica e à margem dos sistemas formais de ensino. Seu estabelecimento vai se dar através das relações familiares, de vizinhança ou de compadre, e a aprendizagem ocorre por meio de uma participação contínua, rotineira, absolutamente interativa. (FRADE, 1997, p. 21)

Como manifestação cultural, as cantigas de roda são transmitidas pela oralidade. Trata-se de um saber produzido pelo povo e para o povo. Elas são canções populares cantadas enquanto os indivíduos rodam de mãos dadas e são popularmente conhecidas como cirandas. Na comunidade pesquisada, os temas das cantigas refletem o conhecimento adquirido por eles durante a sua vivência. Podemos perceber na canção que segue palavras que remetem aos produtos cultivados naquela região:

Cai, sereno,  
Na folha da mandioquinha  
Se eu cair eu sei que morro  
Nos braços do moreninho.

} REFRÃO

Sereno, eu caio  
Na folha do mangalô  
Eu caindo eu sei que morro  
Nos braços do meu amor.

As cantigas de roda, por serem manifestações da cultura popular têm autoria desconhecida. Normalmente, são brincadeiras cantadas e dançadas em movimentos circulares, com ritmo e melodias que alegram a todos os participantes. As letras dessas canções são formadas por estrofes curtas e com refrão para facilitar a memorização. Os seus temas dizem respeito à cultura local, pois traduzem a realidade das pessoas que dela participam.

Peneirou, peneirou, peneirou, gavião  
Nos ares para voar  
Tu belisca, mas não come, gavião  
A massa que eu peneirar. } REFRÃO

Vai embora, Deus te leve, gavião  
E Deus te livre do perigo  
O pesar que me acompanha  
De eu não ir junto contigo.

Abalei uma roseira  
Que nunca foi abalada  
Namorei um moreninho  
que nunca foi namorado.

Joguei um lenço pra cima  
Nos ares se espedaçou  
Espedaçado se veja  
Quem tomou o meu amor.

Quem tomou o meu amor  
É de morrer de repente  
De bexiga e catapora  
De sarampo e dor de dente.

A cantiga acima era cantada durante a realização de um trabalho braçal. O ritmo do refrão segue o ritmo da execução da atividade realizada. A canção revela que o cansaço era esquecido, pois estavam envolvidos na melodia das canções. “Durante a feitura da farinha ou na lavagem de roupa, os cantos e contos estão presentes” (COSTA, 2015, p. 126). O canto suaviza o cansaço do

trabalho. Assim, ele pode ser considerado uma ferramenta de trabalho, ajudando os trabalhadores a desempenharem uma tarefa cansativa com mais leveza.

É possível perceber também, como já foi dito, que o amor é uma temática recorrente no refrão e nas estrofes de algumas canções, as quais eram utilizadas durante a conquista amorosa. Por meio da brincadeira de dançar roda como forma de confraternização, os pretendentes eram encorajados a se declararem através das letras dos versos, como pode ser confirmado na canção que segue:

Dona Maroquinha, você hoje não namora  
Perdeu a brincadeira porque não chegou na hora. } REFRÃO  
Ô Dona Maroquinha,  
Ô vamos nos embora.

Vai embora, Deus te leve  
Deus te livre do perigo  
Deus te dê muito dinheiro  
Para quando se casar comigo.  
Ô Dona Maroquinha,  
Ô vamos nos embora.

REFRÃO

Você diz que vai que vai  
Mas não me diz quando vem  
Só me diz que chore, chore  
Mas não quer chorar também.  
Ô Dona Maroquinha,  
Ô vamos nos embora.

REFRÃO

Moreno, quando tu for  
Me escreva do caminho  
Se não achar papel na loja  
Nas asas do passarinho.  
Ô Dona Maroquinha,  
Ô vamos nos embora.

REFRÃO

Carregadas de valores culturais, as cantigas de roda representam também a união, o prazer em estar ao lado do outro, a coletividade. Para a comunidade pesquisada, representa também a ajuda mútua, além de diversão. Mesmo se tratando de uma tradição, passada de geração a geração,

as cantigas são renovadas com as transformações feitas pelo grupo social, atribuindo certo dinamismo a essa prática cultural.

### **Considerações finais**

Em plena era da cibercultura, falar de cantigas de roda parece algo fora de moda. Por ser uma brincadeira de tradição secular, ela se faz presente na memória daqueles que tiveram uma parte de sua vida encantada pelas canções populares.

Hoje as brincadeiras em grupo estão ficando cada vez mais difíceis de acontecerem. Vemos no nosso cotidiano crianças brincando individualmente, seja na frente da tela da TV, do computador, do *tablet* ou, mais comumente, do celular. Mesmo com essas mudanças, a cantiga ainda sobrevive. É certo que, com as transformações culturais, elas sofrem acréscimos e estão sujeitas ao esquecimento. Assim, não podemos esquecer que elas guardam sabedoria e fazem parte da cultura popular. Difundidas pela oralidade, as cantigas de roda carregam marcas da cultura local, interagindo com o meio, resignificando-se.

A ludicidade estava presente durante a cantoria das cantigas resignificadas pelos moradores do povoado Monte Alegre. Em qualquer que fosse a circunstância para a cantoria acontecer: durante a realização de trabalhos braçais ou nos encontros com os amigos, as pessoas as realizavam com alegria, como uma atividade lúdica que lhes proporcionava momentos felizes.

As reminiscências dessa brincadeira de cantar versos guardadas na memória demonstram que o passado é rememorado pelas narrativas. Tais reminiscências retratam que, por meio da dança e da música, a população da comunidade Monte Alegre buscava viver momentos de alegria, cooperação e encontros amorosos.

### **REFERÊNCIAS**

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Edil Silva. **Ensaio de malandragem e preguiça**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

DEBORTOLI, José A. O. **As crianças e a brincadeira**. In: Desenvolvimento e aprendizagem. Alysso Carvalho et al. (Orgs.). Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006. Segunda reimpressão.

FRADE, Cáscia. **Folclore**. 2. ed. Global editora, 1997.

NOVAES, Iris C. **Brincando de roda**. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

PELEN, Jean-Noël. **Memória da literatura oral**. A dinâmica discursiva da literatura oral: Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10730/7962>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

PEREIRA, Áurea da silva. Vozes em evidência: as histórias silenciadas. In: **Narrativas de vida de idosos: memórias, tradição oral e letramento**. Salvador: EDUNEB, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral**. A pesquisa como um experimento em igualdades. Projeto história nº 14. PUC/1997.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, Luciana Mendes de (Orgs.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias** - Campinas - SP: Autores Associados, 2000.

ZUMTHOR, Paul. Os intérpretes. In: **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

[Recebido: 04 nov. 2015 – Aceito: 12 nov. 2015]